

Conflito de interesses afasta Adriano Pires da Petrobras

COMANDO À DERIVA

CONFLITO DE INTERESSES

Adriano Pires desiste de assumir presidência da Petrobras. Governo corre contra o tempo

MANOEL VENTURA
manuel.ventura@globo.com.br
recs124110

A pouco mais de uma semana da assembleia geral de acionistas na qual o presidente Jair Bolsonaro pretendia mudar todo o comando da Petrobras, a situação da empresa passou por uma reviravolta. Ontem, um dia após Rodolfo Landim, indicado para a presidência do Conselho de Administração, desistir do cargo, o consultor Adriano Pires renunciou ao convite em razão de conflito de interesses, como antecipou a colunista do GLOBO Malu Gaspar em seu blog.

Pires justificou a decisão por dificuldades para encerrar sua consultoria, que existe há 20 anos e cujo sócio é seu filho, "a tempo" de assumir a Petrobras. No trabalho como consultor, Pires manteria ligação forte com companhias que, muitas vezes, têm interesses contrários aos da estatal. Entre os clientes de Pires está o empresário e sócio de distribuidoras de gás Carlos Suarez, que é também amigo de Landim. Outros clientes do consultor incluem a Abegás, associação do setor, e a Compass, concessionária de gás do empresário Rubens Onetto e diversas outras empresas de óleo e gás.

A saída de cena de Pires colocou o governo diante de uma corrida contra o tempo para encontrar novos nomes para os dois postos mais importantes da estatal.

"Ficou claro para mim que não poderia conciliar meu trabalho de consultor com o exercício da presidência da Petrobras. Iniciei imediatamente os procedimentos para me desligar do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIIE), consultoria que fundei há mais de 20 anos e hoje dirijo em sociedade com meu filho. Ao longo do processo, porém, percebi que infelizmente não tenho condições de fazê-lo em tão pouco tempo", afirmou Pires em carta ao Ministério de Minas e Energia, na noite de ontem.



Entraves. Adriano Pires alegou que não teria como se desligar do Centro Brasileiro de Infraestrutura em tempo hábil para assumir o comando da Petrobras

Pires se reuniu ontem no Rio com o titular de Minas e Energia, Bento Albuquerque. O ministro — que na semana passada em entrevista ao GLOBO havia dito que o consultor era a "pessoa mais adequada" para a presidência da Petrobras — respondeu a Pires em carta. Disse que o "elevado conhecimento" de Pires no setor elétrico internacional e brasileiro era algo positivo, mas admitiu que "em decorrência de suas considerações consignadas na carta encaminhada a esta pasta, compreendemos as razões que o motivaram a declinar da indicação à presidência da Petrobras."

Pires comunicou na manhã de ontem que desistira de assumir o cargo ao Palácio do Planalto, e assessores de Bolsonaro passaram o dia tentando convencê-lo a mudar de ideia. Em conversas com auxiliares no domingo e ontem, Bolsonaro atribuiu a supostos "inimigos" na Petrobras os obstáculos criados para Pires assumir o cargo. Esses obstáculos deixaram Bolsonaro irritado, e o presidente não queria dar o braço a torcer. Ele reclamou que teria, na sua avaliação, o direito de escolher o presidente da Petrobras.

Ficou claro para mim que não poderia conciliar meu trabalho de consultor com o exercício da presidência da Petrobras

Adriano Pires, consultor

Ainda assim, o presidente não conseguiu empacar o nome de sua escolha na Petrobras, um movimento que ele começou a arquitetar há mais de um mês, em paralelo com as críticas à política de preços da estatal — que repassa ao valor cobrado na refinaria a flutuação nas cotações do dólar e do petróleo. A preocupação com o preço na bomba para o consumidor é especialmente maior em ano eleitoral, com a inflação acumulada em 12 meses em dois dígitos.

SEM AVAL DO COMITÊ
A dificuldade de ser aprovado pelo Comitê de Pessoas da Petrobras, que tinha reunião prevista para hoje, fez Pires desistir do convite. Este comitê, que analisa candidatos

a altos cargos da companhia, tinha em mãos pareceres contrários às nomeações de Pires e Landim para a presidência da empresa e para a chefia do Conselho de Administração da estatal, respectivamente, de acordo com fontes do governo. Landim e Pires foram avisados desses pareceres e, então, decidiram desistir de ocupar os postos. O risco, sem a renúncia, era de ambos serem vetados pela própria Petrobras.

Ao longo do dia, o governo se debruçou sobre alternativas que pudessem ser aprovadas pelas regras de checagem da companhia. O movimento teria contado, segundo fontes próximas da estatal, com participação do ministro Ciro Noronha, da Casa Civil.

Carlos Seabra Suarez, nome

polêmico do empresariado brasileiro que está na origem do veto aos indicados pelo governo, tinha interesses conflitantes com a estatal e relações com os dois indicados para assumir a companhia. Baiano que era o "S" da antiga empreiteira OAS, começou sua carreira no setor imobiliário de Salvador, mas diversificou e chegou ao setor de energia. Ele foi investigado por crime ambiental e teve contas na Suíça bloqueadas por suspeita de lavagem de dinheiro apontadas na Operação Lava-Jato, mas nunca foi de fato condenado por estes crimes.

Ele é dono de diversas distribuidoras de gás em vários estados, algumas delas apenas no papel. São empresas que não têm nem um metrocúbico de gás. Por isso, o empresário é um dos principais interessados em propostas que criam subsídios para a construção de gasodutos e de termelétricas em estados sem gás natural.

Suarez é figura conhecida em Brasília e com forte interlocução junto ao Congresso, especialmente com lideranças do Centro — o grupo de partidos que apoia Bolsonaro. A desenvoltura política de Pires também era um dos atributos que o levou ao convite para assumir a Petrobras. Procurador, Suarez não respondeu ao pedido de entrevista do GLOBO. Ao Jornal Nacional, seu advogado afirmou que não conseguiu contato com o empresário, que segundo ele, está fora do país.

Com a desistência dupla, a Petrobras fica sem nomes para a Assembleia Geral de Acionistas, marcada para ocorrer no dia 13, na qual era esperado uma ampla renovação da companhia. A situação deixa a empresa à deriva, sem novos indicados e com um presidente que já foi demitido publicamente até a assembleia. Ontem o Ministério de Minas e Energia corria para encontrar nomes para os dois postos. Hoje, Bento Albuquerque se reúne com Jair Bolsonaro às 14h. (Colaboração Bruno Rosso)

Secretário de Guedes é cotado para substituir indicação

Perguntado sobre a troca, ministro diz que está 'sem a luz' sobre o tema

MANOEL VENTURA
E GERALDA DOCA
economiadigital@globo.com.br
recs124110

Secretário especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia, Caio Paes de Andrade é o nome mais cotado para assumir a presidência da Petrobras com a desistência do consultor Adriano Pires. O nome é defendido por ministros do governo, e

ele já foi entrevistado pelo titular de Minas e Energia, Bento Albuquerque.

Assessor do ministro Paulo Guedes, Paes de Andrade volta a ser ventilado no governo para assumir o comando da estatal depois de ter sido pretendido para o posto. Ele estava entre os cotados para o cargo desde antes da queda de Joaquim Silva e Luna, general da reserva. Foi uma indicação de Guedes, mesmo que ele venha dizendo

que não quer se envolver no assunto. Albuquerque, porém, preferiu Pires, que não poderá assumir o cargo.

Paes de Andrade pode ser uma solução caseira adequada para o momento, na avaliação de integrantes do governo, inclusive pela dificuldade que será encontrar nomes no mercado dispostos a assumir a Petrobras no momento.

Ontem, no Rio, ao ser perguntado por repórteres se po-

deria "dar uma luz" sobre as mudanças na Petrobras, Paulo Guedes, o ministro da Economia respondeu:

— Estou sem a luz.

A troca no comando da empresa foi motivada pela alta no preço dos combustíveis, e a pressão em torno do assunto deve ser intensificada em ano eleitoral.

O secretário foi presidente do Serpro (estatal de tecnologia da informação) e, com isso, já se descompatibilizou de investimentos e empresas — situação que levou

Solução caseira.
Governo procura nome para substituir Adriano Pires



Pires a declinar do convite.

Por isso, ele não precisaria levar dias para vender ações em empresas, por exemplo, nem se desfazer de negócios, como Pires teria de fazer. Além disso, não tem um histórico de trabalho em empresas do ramo de óleo e gás que poderia ser apontado como gerador de conflito de interesses na Petrobras.

O secretário é um

gestor de confiança inclusive de Bolsonaro e tem como vitrine a implantação do sistema Gov.br, que reúne serviços digitais do governo federal.

Ele tem formação em Comunicação Social pela Universidade Paulista, pós-graduação em Administração e Gestão pela Harvard University e é mestre em Administração de Empresas pela Duke University.

Integrantes do governo avaliam que Paes de Andrade seria bem recebido no mercado por fazer parte da equipe de Guedes — e, portanto, ser um defensor de teses liberais, como a reforma administrativa — e ter histórico na iniciativa privada, onde criou empresas da área de tecnologia da informação.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 15